Ana Paula Tavares – uma poesia de resgate da mulher africana

*Eunice Esteves**
*Ana Maria Roriz***

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir como Ana Paula Tavares, em sua obra *Ritos de passagem*, retoma a cultura e a tradição africanas para, com o olhar distanciado de quem não viveu nessa sociedade, procurar entendê-la melhor. Ao fazê-lo, questiona, denuncia e recusa a subserviência da mulher a determinados jogos sociais que ainda hoje são fatores de interdição do desejo feminino. Com sua poesia libertária, Ana Paula Tavares resgata os vários caminhos do desejo e do apelo erótico do corpo feminino, que se manifesta através dos sentidos.

Segundo Inocência Mata, a poesia feminina angolana mudou de feição, deixando de ter como objeto imediato a construção social para focar a expressão da subjetividade feminina, com seus desejos e frustrações, aspirações e sonhos, alegrias, dores e sensações, sem, contudo, perder de vista o social (Mata, 2001, p. 122).

Ana Paula Tavares faz parte do grupo de mulheres que está dando nova feição à poesia angolana, com seu trabalho que propõe uma releitura da escrita, dos significados e dos significantes das palavras. Sua obra *Ritos de passagem* mostra, de forma intensamente lírica, a sua experiência individual e a sua postura mental perante a realidade do mundo.

* Professora da Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo. Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa na PUC Minas.

** Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual no Colégio Sagrado Coração de Maria e no Colégio Logosófico González Pecotche.

Em entrevista concedida em 1988, Ana Paula Tavares fala de sua perspectiva e ambição ao escrever *Ritos de passagem*. Segundo a autora, o livro é uma reflexão sobre as sociedades atuais, em função de suas experiências de infância na Huília, que viveu e observou sem compreendê-las inteiramente, mas que ficaram guardadas em algum lugar da memória. Chama-lhe a atenção, particularmente, a situação da mulher na sociedade africana. Unidade de produção fundamental, pessoa em torno da qual tudo gira, ela é, também e contraditoriamente, um ser sem importância nessa mesma sociedade. Procurando explicações para essa situação, Ana Paula Tavares recupera os rituais de iniciação, ouve a voz dos mais velhos, na tentativa de responder a seus questionamentos. Concomitantemente, busca recuperar a memória dos cheiros, dos sons, das canções e dos corais da Huília, resgatando com eles o desejo e o corpo feminino.

A autora fala de sua relação quase física com as coisas do mundo, de sua necessidade de encontrar um caminho poético para expressar essa relação com as coisas, com aquilo que está à volta, e de se colocar como uma voz que expresse os gritos das mulheres. É a procura da voz própria, já que às mulheres é ensinado guardar os gritos, especialmente o da sensualidade.

A poesia de Ana Paula Tavares nos conduz ao universo feminino, dá voz às mulheres através de uma linguagem poética muito despida, simples, quase sem artifícios, sintética. É sua forma de dizer muito e bonito, fazendo uso de poucas palavras.

Os ecos da terra africana se fazem ouvir na história pessoal de Ana Paula Tavares. Para ela, voltar às raízes é juntar os fragmentos da memória e da sua história individual para reconstruí-la, simbolicamente, a partir dos seus mais atávicos desejos e tabus. A autora vai mergulhar no erotismo, na linguagem do corpo, vai ouvir as vozes poéticas, para desconstruir o discurso que entrelaça mulher, mãe, filha, irmã e companheira de armas, subvertendo os códigos de feminilidade, sempre ligada, na poesia africana, à fecundidade.

Ritos de passagem é estruturada em três partes – “De cheiro macio ao tato”, “Navegação circular” e “Cerimônias de passagem” – sugerindo uma aura mágica, reforçada pelas referências à natureza e pelo sincretismo e misticismo das cerimônias ritualísticas.

O poema “Cerimônia de passagem” abre, não por acaso, a obra **Ritos de passagem**, que podem ser entendidos como rituais que marcam a transição de um estado de vida para outro.

Os rituais, por serem ações repetidas de coisas bem conhecidas, ajudam a dar ordem e sentido à vida, porque são previsíveis e realizados da mesma maneira por muitas gerações. Sobre o assunto, Mircea Eliade escreve:

Como já observamos, os ritos de passagem desempenham um papel importante na vida do homem religioso. É certo que o rito de passagem por excelência é representado pelo início da puberdade, a passagem de uma faixa de idade a outra (da infância ou adolescência à juventude). Mas há também os ritos de passagem no nascimento, no casamento e na morte, e pode-se dizer que, em cada um desses casos, se trata de uma iniciação, pois envolve sempre uma mudança radical de regime ontológico e estatuto social. Quando acaba de nascer, a criança só dispõe de uma existência física; não é ainda reconhecida pela família nem recebida pela comunidade. São ritos realizados imediatamente após o parto que conferem ao recém-nascido o estatuto de “vivo” propriamente dito; é somente graças a esses ritos que ele se integra à comunidade dos vivos. (Eliade, 1992, p. 150)

Cada par de versos do poema “Cerimônia de passagem” mostra um rito de passagem: da criança para a mulher, o matrimônio e a maternidade. A fase do amadurecimento fecha o círculo, leva de volta ao princípio, reencontra os ancestrais: “O velho começou o círculo/ o círculo fechou o princípio”. Essa imagem de princípio e fim também é percebida formalmente, já que a citação que abre o poema o fecha. Visualmente, o poema sugere um semicírculo, que vai se completar com a citação final, a mesma do início. Se considerarmos que a imagem do semicírculo se repetirá com as mesmas dimensões em sua outra metade, não presente no papel, então vamos entender que o próprio poema se reescreverá do lado direito da página e que “o círculo fechou o princípio”. Resta agora o recomeço, que se insinua eterno.

Após o poema de abertura, encontramos aqueles que constituem a primeira parte do livro, denominada “Cheiro macio ao tato”. São poemas leves e sensuais, nos quais a poeta resgata da lembrança a paisagem, os cheiros e os sabores africanos, através de frutos e animais, construindo suas metáforas a partir de elementos da própria natureza, alimentos que estão à mão, num ato de

comer muito sensual, que alimenta inclusive a libido. Os poemas dessa primeira parte lembram haikais: são leves, breves, como se o olhar da poeta se debruçasse brevemente num detalhe e lhe captasse a essência, traduzida, depois, em palavras.

A poesia de Ana Paula Tavares empresta alguns elementos/aspectos do Simbolismo, já que as palavras transcendem o seu significado, ao mesmo tempo que apelam para a totalização da nossa percepção com o uso, justamente, de sinestésias, que resgatam os caminhos vários do desejo, o apelo erótico do corpo feminino, que se manifesta, não exclusiva, mas conjuntamente, através de todos os sentidos.

Os frutos são metáforas do corpo feminino. “A abóbora menina” representa a vagina que, “de segredos bem escondidos/ estende-se à distância/ procurando ser terra”. É a menina que se descobre mulher e que espera o momento em que “nela deságuam todos os rapazes”. O resultado desse desaguar vem antecipado nos versos anteriores sob o sugestivo nome de milagre: “Folhinhas verdes/ flor amarela/ ventre redondo” – o milagre mesmo da fecundação, que as meninas e os rapazes compartilham, mas que apenas à mulher cabe cultivar, no que isso tem de natural e de cultural.

No poema citado, já vamos encontrar uma característica marcante na escrita de Paula Tavares, o uso do *enjambement*. Esse recurso cria uma sonoridade especial e, às vezes, até gera um verso torto ou um outro poema dentro do poema maior, o qual pode ser lido na vertical e contém a idéia geral do poema: “De segredos bem escondidos/ procurando ser terra/ acontecer o milagre:/ nela deságuam todos os rapazes”.

Essa técnica é retomada em outros poemas. Em “O Maboque”, o *enjambement* parece criar aspas para citar um ditado através do qual é criado um verso que pode ser lido na vertical: “do/tem/da/libido”, que nos remete, pela sonoridade, à idéia de uma palavra de ordem que conclama as mulheres para a luta: dotem(se) da libido, a única forma de resolver “problemas difíceis da libido”. Curiosamente, o *enjambement* faz com que uma parte da poesia fique presa dentro da outra. É como se a poesia de Paula Tavares tivesse casca, assim como os frutos. Isso nos faz resgatar a memória da poesia concreta, já que há certo concretismo no uso que ela faz do espaço do papel e na brincadeira de

destruir/construir/reconstruir os sentidos das palavras. Aqui também se percebe um toque simbolista, pois tudo é sugestão.

Os frutos, como já dissemos, guardam a memória do corpo feminino, de cujas partes são uma metáfora, principalmente daquelas ligadas à sexualidade. Através da sua escrita, a poeta liberta a mulher, dá voz a essa sexualidade/sensualidade feminina interdita pela cultura e pela tradição. Ao mesmo tempo, quando utiliza os frutos, que são para serem comidos, a autora aí simboliza duas idéias. A primeira, de que, naquela sociedade, a mulher é fruto a ser comido pelo homem, o que mostra bem a situação de submissão ainda hoje imposta à mulher africana. A segunda, de que à mulher cabe alimentar a vida, seja ao se tornar parte do ser que a “come”, seja ao cumprir o papel que lhe cabe após o ato sexual, que é o de gerar a vida.

Em “O Mirangolo”, a palavra acende na mente a imagem da mordida. É possível quase visualizar uma boca salivando, antecipando o prazer: “Testículo adolescente/ purpurino/ corta os lábios ávidos/ com sabor ácido/ da vida/ encandescer de maduro/ e cai/ (...) transforma-se em geléia real:/ ILUMINA A GENTE”. É a liberação da sexualidade da mulher que vai nutri-la, iluminá-la.

A “Anona” é o “pequeno útero verde/ da casca”. O mamão é a “frágil vagina semeada” onde “no meio/ cresce/ insondável/ o vazio...” (“O mamão”): o vazio criado pelo oco e pelas sementes que guardam o segredo da repetição da vida e que, sensualmente, são um convite a manuseá-las.

A manga é a fruta que contém praticamente todas as sensações causadas pelos sentidos: o tato (“as mãos/ tiram-lhe a pele”); a visão (“surge a carne chegadoinha/ fio a fio/ ao coração”); o paladar (“leve/ morno/ mastigável”); e o olfato, que é determinante na atração macho/fêmea: “O cheiro permanece/ para que a encontrem/ os meninos/ pelo faro”. (“A manga”). O uso da palavra “faro” evidencia a característica animal, natural do ato sexual.

A segunda parte do livro, “Navegação circular”, é, segundo a própria autora, o olhar da mulher que reconhece o lado de fora. É o ver ao redor, as coisas que passam em círculo à sua volta, olhar representado pela metáfora da abelha em volta da flor. É esse olhar que vai mostrar à mulher as possibilidades da vida, do que está “além do cercado”. É essa outra visão do mundo que lhe trará a lucidez necessária para fazer as mudanças. A autora propõe uma “cir-

cum-navegação”, um voltar-se para outras direções, mas sem perder-se de vista, sem tirar-se do centro. Olho, olhar são palavras-chave nessa parte do livro: “O OLHO, TORNOU-SE BÍPEDE/ CORREU/ APRESSADA/ ATRÁS DO PEIXE DE PRATA” (“Amor impossível”); “a visão panorâmica/ do espaço/ para lá do cercado./ Entre os chifres/ de perfil/ o cine-olho paralisa/ a eternidade” (“Olho de vaca fotografa a morte”).

O “segundo poema”, escrito na vertical, também aparece em alguns poemas da segunda parte: “Saiu do mangal/ e/ de brincos/ passinhos breves/ num pé só/ correu/ apressada/ atrás do peixe prata” (“Amor impossível”). Os versos na vertical descrevem a ação do flamingo, que se enfeita para conquistar o peixe prata.

Em “Olho de vaca fotografa a morte”, a poeta vai mostrar o olhar da mulher à sua volta, objetivando compreender o mundo. O olhar da vaca, parado, “retém a preto e branco/ a solidão/ (...) o cine-olho paralisa/ a eternidade”, trazendo a mulher de volta ao seu universo feminino tradicional, que fica muito longe da “visão panorâmica/ do espaço/ para lá do cercado”. Os versos lidos na vertical resumem a temática: “400 asa/ a solidão./ Inverte/ Aumenta/ Diminui/ A TERRA/ (24x24)/ do espaço/ de perfil/ a eternidade”.

Esse olhar ao redor para descobrir novas possibilidades aparece também no poema “Boi à vela”, cujo próprio título já carrega a idéia de navegar: “Os cornos são volantes/ indicam o sul”.

Na terceira parte do livro, “Cerimônias de passagem”, a autora faz todo o resgate da tradição da sociedade angolana, numa tentativa de compreender melhor a mulher tradicional africana, preparada desde que nasce para o seu marido. Paula Tavares pesquisa e resgata rituais do início da puberdade, da preparação para o matrimônio, da relação homem/mulher, mãe/filho, até o encerramento do círculo, com a morte.

O poema “Rapariga” mostra-nos o rito de preparação para o casamento, já que é essa a finalidade da existência da mulher. Nele aparecem referências a vários aspectos da tradição do país: “Cresce comigo o boi com que me vão trocar/ amarram-me já às costas, a tábua Eylekessa”. Esses versos fazem referência ao lobolo, tradição pesada para a mulher africana: “Trago nas pernas as pulseiras pesadas/ dos dias que passam”. A palavra “árvore” é usada como

metáfora de mulher, de quem se herda a “efervescência/o desejo”. Do homem (boi) se herda “a intranquilidade/a proximidade do mar” ou o desejo de se aventurar, se libertar. E, por fim, as tetas úberes, a mostrar o papel da mulher, a maternidade.

No poema “Exato limite”, a poeta contrapõe o desejo de liberdade – “a cerca do Embo estava aberta” – à interdição da liberdade que é o casamento: “Comi o boi/ provei o sangue/ fizeram-me a cabeleira/ fecharam o cinto:/ madrugada/ Porta/ EXATO LIMITE”.

Em “Colheitas”, temos os rituais de passagem de menina para mulher, a primeira menstruação: “... e dez anos depois o primeiro/ forma-se espera e cai/ por gravidade/ ao vigésimo oitavo dia”. O ciclo da vida é harmonioso – há o tempo de fecundar a terra, a idade fértil da mulher, e fecha-se o ciclo da fertilidade, com o fim do ciclo de vida do óvulo: “Alguns DEZ ANOS DEPOIS/ ESPERA-SE O FIM/ de vinte e oito/ em/ vinte e oito dias”. Assim como a vida, o poema é circular, abre e fecha o ciclo. E se repete igual.

Mas é o poema seguinte que resume todos os sentimentos da mulher africana:

As coisas delicadas tratam-se cuidado.
Filosofia Cabinda

Desossaste-me
cuidadosamente

escrevendo-me
no teu universo
como uma ferida
uma prótese perfeita
maldita necessária
conduziste todas as minhas veias
para que desaguassem
nas tuas
sem remédio
meio pulmão respira em ti
outro, que me lembre
mal existe

Hoje levantei-me cedo
pintei de tacula e água fria
o corpo aceso
não bato a manteiga
não ponho o cinto

VOU
para o sul saltar o cercado

Tudo aquilo que a natureza feminina é capaz de captar, a dor interior, quase mística, a ânsia, a nostalgia, a paixão, o sacrifício, a frustração, o desejo de libertação estão nesse poema. Dói a constatação da falta de individualidade: “Conduziste todas as minhas veias/ para que desaguassem/ nas tuas/ sem remédio/ meio pulmão respira em ti/ outro, que me lembre/ mal existe”. O final do poema mostra a rebeldia a esse ser o outro e a tentativa de libertação: “VOU/ para o sul saltar o cercado”. O verbo é destacado para enfatizar a idéia de movimento, o início da mudança.

A poesia de Ana Paula Tavares ultrapassa o símbolo Mãe-África tão presente na poesia angolana de períodos anteriores. É poesia que se faz caminho para o conhecimento, o entendimento, o questionamento e a libertação do ser humano mulher, do ser social mulher. É poesia que reivindica uma sensualidade terrena, ao fazer uso das cores, dos sabores, dos cheiros – imagens tão conhecidas de todas nós, tão femininas, que já foram prisão e, agora, se fazem libertadoras do corpo. No êxtase da dança, no ato sexual e na loucura dos sentidos, as imagens ligam o amor ao desejo de libertação do corpo, recusam e denunciam a subserviência a determinadas formas sociais. Na poesia de Ana Paula Tavares, a voz da mulher africana se faz ouvir. Mas não só a dela, a de toda mulher que ali se ouça.

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss how Ana Paula Tavares in her book *Ritos de passagem*, gets back the African culture and tradition, and with a distant look of somebody who didn't live in that society, tries to understand it better. As she does it, she questions, denounces and refuses the woman's subservience to some social games that are causes of interdiction of the feminine desire. With her libertarian poetry, Ana Paula Tavares redeems the several ways of the desire and of the erotic appeal of the feminine body which expresses itself through the senses.

Referências bibliográficas

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Ferma. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MATA, Inocência. *Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta*. Lisboa: Mar Além, 2001.

TAVARES, Ana Paula. A literatura em construção. *Revista Metamorfose*, n. 2, Rio de Janeiro: Edições Cosmos e Cátedra Jorge de Sena, p.109-129, 2001.

TAVARES, Ana Paula. *Ritos de passagem*. Cadernos Lavra & Oficina. [s.d.].